



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

**POR UM OUTRO JORNALISMO LITERÁRIO: A FICÇÃO COMO
ELEMENTO DISCURSIVO NAS GRANDES REPORTAGENS**

AMANDA GUIMARÃES COUTO

CAMPINA GRANDE- PB

2011

AMANDA GUIMARÃES COUTO

**POR UM OUTRO JORNALISMO LITERÁRIO: A FICÇÃO COMO
ELEMENTO DISCURSIVO NAS GRANDES REPORTAGENS**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado ao Departamento de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito para obtenção do título de Bacharelado em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo, sob a orientação da profa. Ma. Adriana Alves.

CAMPINA GRANDE – PB

2011

- C871p Couto, Amanda Guimarães.
Por um outro jornalismo literário : a ficção como elemento discursivo nas grandes reportagens. [manuscrito] /Amanda Guimarães Couto. – 2011.
22f.; il. color.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2011.
“Orientação: Profa. Msc. Maria Adriana Alves, Departamento de Comunicação Social”.
1. Jornalismo Literário. 2. Felt Life. 3. Grandes Reportagens. I. Título.
21. ed. CDD 070.4

AMANDA GUIMARÃES COUTO

**POR UM OUTRO JORNALISMO LITERÁRIO: A FICÇÃO COMO
ELEMENTO DISCURSIVO NAS GRANDES REPORTAGENS**

Aprovada em 22 de junho de 2011.

BANCA EXAMINADORA

Adriana Alves Rodrigues.

Prof. Ma. Adriana Alves Rodrigues
(Orientadora)

Luís Adriano Costa

Prof. Me. Luís Adriano Costa

Examinador

Maria de Fátima Cavalcante Luna

Prof. Ma. Maria de Fátima Cavalcante Luna

Examinadora

Campina Grande – PB

2011

AGRADECIMENTOS

Todo o processo de construção desse trabalho foi muito difícil para mim. Nesse desafio, confiei muito em Deus e, mais uma vez, ele não me deixou na mão e permitiu que eu conseguisse superar obstáculos e limites para chegar até o final. À Ele, meu agradecimento mais sincero não só por estar concluindo essa etapa, mas pela minha vida, inteirinha, do jeitinho que ela é.

À Professora Adriana “Contemporânea”, que, dona de um jeito meigo, doce, alegre e especial, chegou de mansinho. De cara, eu soube que a queria como orientadora. Adriana, obrigada por tudo. Pelas aulas, pelas discussões e pelas orientações. Com você aprendi demais. Muito obrigada.

É dentro de casa que a gente tem o exemplo. O meu se chama Cristina Guimarães. Por sorte a tenho, nessa vida, como minha mãe e melhor amiga. Sou testemunha das vezes que lhe faltaram palavras para expressar o quanto ela acredita na minha capacidade, mas, mãe, não se aperreie não, viu? Seu olhar fala mais do que você pensa! Obrigada pela mãe maravilhosa que é e pela grande mulher que sempre fez questão de ser, me ensinando, assim, como é viver a vida nesse mundão de meu Deus. Amo você!

Quando a bossa nova se tornou a trilha sonora da minha vida, tudo ficou mais claro. Ele chegou assim, chiando e cantando o grito de guerra do S(sh)port Club do Recife, pra me mostrar que o amor existe apesar de todas as diferenças e pra me ensinar a ser uma pessoa melhor. Luiz Felipe de Siqueira Soares de Moraes (ufa!), você é a minha luz. Obrigada por toda a insistência e preocupação nessa jornada. Ninguém mais, nesse mundo, me cobrou tanto ver esse trabalho concluído. Por uma boa causa. Perdoa a ausência, a chatice, impaciência e insistência. Perdoa as vezes que te fiz ler coisas que não te interessavam, que te privei de assistir UFC pra estudar comigo e que fiz de conta que não ia te colocar aqui nos agradecimentos. Meu melhor amigo, “eu te amo sem fim”.

Ao meu pai, Domingos Sávio Resende Couto, todo o apoio e incentivo durante todos esses anos. Que as lágrimas contidas um dia se esgotem. Obrigada pelos genes fortes que não me deixam te esquecer um minuto. Amo você. Ao meu irmãozão, Heitor Pedro, por ter me desviado a atenção tantas vezes quantas fossem necessárias para testar

minha paciência. Conseguiu e consegue cada vez mais. Aprendo muito com você, magrelo! E tu nem sabe. Te amo! À minha família inteira, meu irmãozinho gostoso, Caio César – que, felizmente, por enquanto só precisa se preocupar em zerar joguinhos online no computador, minhas avós, tios, tias e primas, pelo apoio e confiança de que esse dia chegaria. Muito obrigada por tudo.

Aos meus amigos sempre lindos, que fizeram o possível para me ajudar. Aos que torceram em silêncio e na distância, muito obrigada. Boas vibrações são tudo. Elisa, pelo enorme apoio moral; Diego, pela preocupação constante em saber como eu estava indo; Emily, pelo otimismo dos sagitarianos (melhor signo do zodíaco); Thâmisa, pelos conselhos experientes; Bruno, pela ajuda com as referências, pelos links que me distraíram, pelo constante alto astral; Alice, pelas energias positivas, pela companhia na primeira festa do curso de Comunicação e pela amizade e amor imensurável que sempre demonstrou e firmou comigo. Desculpem-me as empadas que não comi em nome desse artigo. Agora, podemos nos empanturrar. Vocês todos são as flores do meu jardim – e, por favor, não levem para o mau sentido. Obrigada.

Aos meus editores dos Diários Associados do Nordeste, Jorge Moraes, Luciana Morosini e Taciana Góes, que tanto me ensinaram no estágio no Vrum (Se faz Vrum, aqui tem). Hoje sei que uma redação é um lugar incrível e que jornalismo especializado é uma delícia. Obrigada pela oportunidade e pelo aprendizado. Que Deus os abençoe.

Aos meus colegas de turma, só boas lembranças dos últimos quatro anos que convivemos juntos. Levarei todos no coração. À minha “besha”, Jitana Cardins, vulga “Ritana Del Fuego”, obrigada pelas horas ao telefone, pelo apoio e conselhos, pela força, disposição, amizade e companheirismo sempre. Tu é pau pra toda obra, bichinha, e eu nunca que quero me esquecer de tu! Que Moscow City seja palco para o seu sucesso. Amo você. Às minhas queridas e hilárias Pollyane Mendes, Ana Sousa, Fernanda Medeiros e Vanessa Oliveira, eternas colegas de profissão, pro que der e vier. Que seja sempre assim. E à minha turma inteira, que Deus faça morada em cada um. Que Assim Seja.

Aos meus pais.

As obsessões de um escritor vêm à tona e voltam a aflorar numa espiral imprevisível; as técnicas evoluem, mas a imaginação permanece.

Gay Talese, 1992.

Por um outro Jornalismo Literário: a ficção como elemento discursivo nas grandes reportagens

COUTO, Amanda G.¹

Resumo

Este artigo busca contribuir com a discussão de alternativas para dinamizar as narrativas da contemporaneidade: a ficção como elemento que estabelece um vínculo com o discurso jornalístico dentro do jornalismo literário. Deste modo, propõe refletir sobre o jornalismo literário para além das notícias descritivas, minuciosamente detalhadas com base apenas na realidade. Para isso, dialogamos com autores do jornalismo literário (LIMA, 1993; MEDINA, 2008; BELO, 2006; PENA, 2008) e adotamos o conceito de *felt life* de Henry James (1908), tentando compreender como este elemento contribui e favorece uma narrativa diferenciada. Através do método de pesquisa, nos utilizamos da revista Piauí e do suplemento Aurora, do jornal Diário de Pernambuco, para fundamentarmos melhor a discussão. O campo do jornalismo se apresenta, nesta perspectiva, uma arena para dispor deste recurso.

Palavras-chave: jornalismo literário; ficção; *felt life*; grandes reportagens.

¹ Amanda Guimarães Couto é graduanda pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail para contato: amandagcouth@gmail.com

Abstract

This article aims to stimulate discussion of alternatives to the narratives of contemporary society: the fiction as an element to establish a link with media discourse in the literary journalism. Thus, ponders the literary journalism beyond the news, based only minutely detailed in reality. For this, we dialogue with authors of literary journalism (LIMA, 1993; MEDINA, 2008; BELO, 2006; PENA, 2008) and adopted the concept of *felt life* of Henry James (1908), trying to understand how this element contributes and promotes a differentiated narrative. Through the method of research, we used the magazine Piauí and the supplement Aurora, from the newspaper Diário de Pernambuco, to better support the discussion. The field of journalism is presented in this perspective, an arena to have this feature.

Keywords: literary journalism; fiction; *felt life*; big reports.

1. Apresentação

O Jornalismo Literário traz uma proposta ousada que, nos pormenores da história, vem oscilando entre admiradores e críticos ferrenhos. Seu conceito passeia entre relatos humanizados, sensibilidade diante dos fatos, aproximação dos personagens, liberdade narrativa e, eventualmente, elementos ficcionais. Nesse ponto, observamos nascer uma discussão de longa data, responsável por inúmeros embates acerca da credibilidade da produção jornalística. Deisi Vogel (2005, p.2) em seu artigo *A Ficção no Relato Jornalístico*, considera que

“as narrativas do jornalismo se distinguem nitidamente de outras formas narrativas por uma única e definitiva atribuição, que é eticamente pautada: elas necessariamente devem se guiar por um contato tácito de pertinência e veracidade, preestabelecido entre jornalista e receptor”.

A autora cita Foucault, lembrando que ele “conceitua a ficção atribuindo-lhe um papel definidor de significados e apontando para a proeminência das estratégias de relato e situa a ficção no interior das possibilidades dos atos de fala destacando o caráter performativo do relato, de forma que seu conteúdo estaria no próprio ato de ser escrito ou proferido” (VOGEL, 2005, p. 3). Dessa forma, percebe-se que a ficção está implícita nos relatos, pois possui ligação forte com o discurso e sua interpretação, não se estabelecendo, portanto, como elemento capaz de ferir a credibilidade e a relação de confiança entre quem escreve e quem lê. Utilizá-la pode ser uma forma de melhorar a narrativa, tornando-a mais atraente, interessante e prazerosa.

Neste trabalho, defendemos que a ficção pode contribuir para uma narrativa literária mais diferenciada dentro do jornalismo literário, podendo, inclusive, assumir uma característica própria no modo de produção das narrativas da contemporaneidade. Assim, e de acordo com nosso arcabouço teórico, pretendemos em segundo plano, apontar as contribuições que este elemento favorece às grandes reportagens.

2. A prática da profissão

O jornalista é o profissional responsável não só pela transmissão das notícias. Ele possui, também, um perfil extremamente relevante de contribuição para a educação na sociedade. Sentir-se inquieto diante de uma prática superficial é natural e fundamental para que haja percepção da grandiosidade do mundo em que vivemos. É

preciso acordar para as entrelinhas, para o anônimo e pitoresco. Não desmerecendo as grandes histórias, apostamos nas pequenas por um simples motivo: uma lição de vida possui carga emocional e informativa tão relevante quanto as decisões cotidianas dos cadernos de economia e política.

Uma boa história não se esconde. Ela pede para ser encontrada. O Jornalismo Literário não é para qualquer um e nem é fácil de fazer. Nele, não há regras de escrita, nem fórmulas pré-concebidas para um texto bem construído. É preciso, contudo, sensibilidade, talento e força de vontade. Cremilda Medina nos ajuda nisso e dedica muito de seu livro, *Entrevista – Um Diálogo Possível*, para expor sua opinião. No 11º capítulo, *Musas, onde estão as Musas?*, ela se refere à inspiração do jornalista. Esta, por sua vez, segundo a autora, “deve provir da literatura, das narrativas artísticas do cinema, da fotografia, das artes plásticas, do teatro” (MEDINA, 2008, p.64).

Para lidar com essa questão, ela propõe adaptar-se à ruptura da linearidade e exemplifica através de “um entrevistado cujo universo de pensamento, emoções e comportamentos não se submete à linearidade de um questionário rígido” (p.65), em que o repórter deve adotar uma postura de conversação livre de amarras, para que esta possa correr livre, solta. Nesse ponto, Medina já demonstra que até as técnicas de apuração de uma história jornalística com visões literárias pede uma abordagem distinta, mais sensível.

As limitações existem e as conseqüências desagradam não só ao profissional que é submetido ao trabalho exaustivo, isento de aprofundamento, mas, da mesma forma, ao leitor. Este, por sua vez, comumente se depara com matérias mal escritas e informações duvidosas.

Contribui para a deficiência, em muitos casos, o modo como é conduzido o trabalho do jornalista na grande imprensa, principalmente nos diários. (...) Costuma faltar ao profissional, também, freqüentemente, o salutar hábito da pesquisa mais apurada sobre o tema de sua pauta, antes de partir para a coleta que vai redundar na matéria. Ou, em certos casos, falta-lhe o domínio de um instrumental de lógica que lhe possibilite analisar um tema com amplitude, a partir daí podendo estruturar uma pauta abrangente, de alcance (LIMA, 1993, p. 32).

Estar diante de situações como a que Edvaldo Pereira Lima descreve acima acaba cansando o repórter. O processo é lento e, quando o profissional se dá conta, já está com altos níveis de stress e, pior que isso: desiludido da prática jornalística. Ao chegar nesse ponto, existem caminhos alternativos que passam a ser considerados. Um

deles pode surgir da necessidade de fazer algo diferente, uma produção que contribua por mais que algumas horas e que sirva de incentivo, orgulho e informação para alguém. Surge a vontade de apurar, de escrever, de ter calma, de ter tempo. Basta olhar para o lado para ver um sorriso aberto, convidativo. Eis uma simpatia que tem nome e se chama Jornalismo Literário, um caminho possível para quem está cansado das mesmas histórias, todos os dias.

O jornal Diário de Pernambuco traz, semanalmente, o suplemento *Aurora*. Inserido no contexto regional do Recife e cidades vizinhas, a revista aborda assuntos de extrema relevância social e pouca abordagem noticiosa e surgiu justamente dessa necessidade de trazer algo diferente, tanto em conteúdo, quanto em abordagem, ano passado. Na edição do dia 23 de janeiro de 2011, foi publicada a matéria “Os cavaleiros existentes”, que fala sobre a vida de pessoas comuns, tão comuns que passam despercebidas – são os porteiros, as camareiras, os ascensoristas. Na *Aurora*, elas são provas de que existe vida por trás dos uniformes e de que a indiferença ainda reina na relação que se estabelece entre o servidor e o servido. São testemunhas de hierarquias sociais e de força de vontade e fé no futuro. Abaixo, um trecho da reportagem, assinada pelos repórteres Guilherme Carréra e Luís Fernando Moura, focando em dois garis.

É evento corriqueiro os passantes jogarem todo tipo de lixo ao lado dos funcionários. Mas esse é o exemplo mais brando. “Já me disseram: ‘Se eu não jogar no chão, você não tem trabalho’”, lembra Adriano. É daí pra pior: “Tem gente que cospe quando passa pela gente”, continua Rogaciano. “Ontem mesmo, uma mulher desviou de mim na Avenida Dantas Barreto e colocou a mão no nariz. Como se eu estivesse fedendo”. Reclamação? “Se for fazer, a gente vai terminar brigando com a maioria”, diz, enquanto um transeunte joga uma bola de papel no lixo que ele carrega - e erra o alvo” (Revista *Aurora*, 23/01/2011).

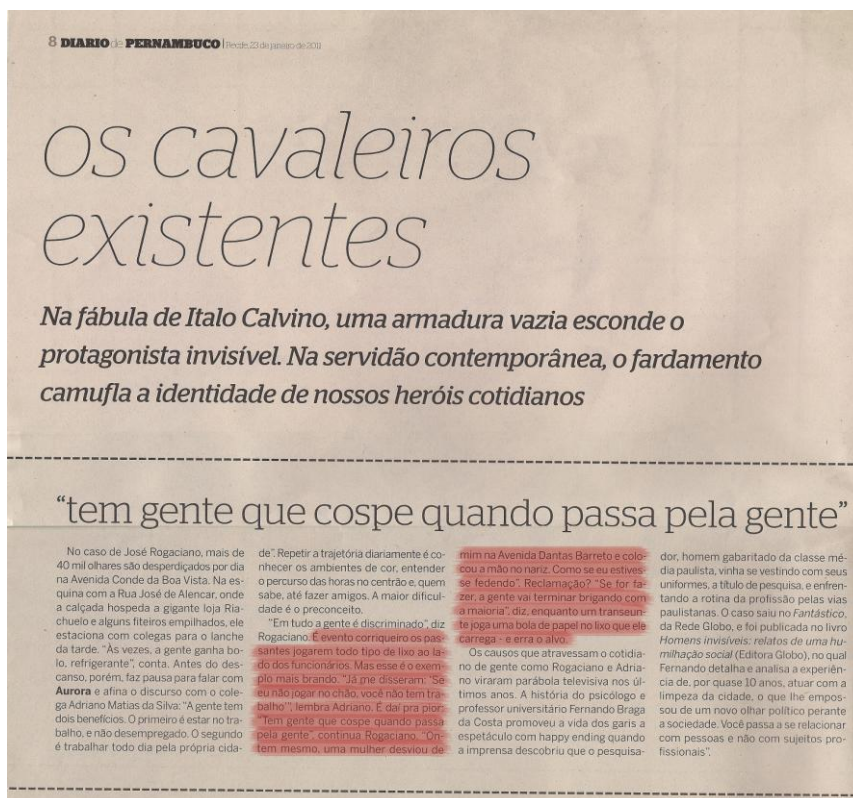


Figura 1 - Os cavaleiros existentes”, reportagem publicada pela revista Aurora, suplemento do Diário de Pernambuco, falando sobre a vida de pessoas comuns, tão comuns que passam despercebidas – os porteiros, as camareiras, os ascensoristas

A leitura do *Aurora* inspira o sentimento de ‘eu sempre quis escrever sobre algo assim’ e, para aflorar essa sensação, é preciso levar em consideração o que levou aquele repórter a buscar (e encontrar) esse “algo assim”. Na obra *Entrevista: O Diálogo Possível*, Cremilda Medina faz uma descrição próxima do sentimento que aflora quando o profissional se encontra diante de uma possível boa história. Ela descreve a situação ambientada em uma entrevista. “O repórter captou um perfil humano. O depoimento desceu ao subsolo do entrevistado, afloraram traços de sua personalidade, revelaram-se comportamentos, valores. É a humanização conquistando um espaço na comunicação coletiva” (MEDINA, 2008, p.51).

A autora cita a humanização diversas vezes ao longo da obra, pois acredita ser esta a chave para estabelecer não só uma relação proveitosa entre entrevistado e repórter, quanto para garantir que o fruto dessa troca de informações seja um trabalho resultante do encontro do comunicador com sua musa. Considerando a literatura como arte, ela conclui que “quem sempre se esforça por humanizar as circunstâncias é o

artista” e, por esse motivo, é, sem dúvida, muito válido investir “nos meios literários para atingir esse fim”, (MEDINA, 2008, p.64)

3. Jornalismo Literário – O refúgio

O jornalista é a figura responsável pela transmissão das notícias à sociedade e, como consequência disso, torna-se um elemento crucial na dinâmica que se estabelece entre o fato e o social. Ao profissional que se engaja nesses objetivos, é atribuído um grande poder e, como toda grande atribuição, requer consciência de responsabilidade. Conforme Edvaldo Pereira Lima diz em seu livro *Páginas Ampliadas*, “o que diferencia de fato o jornalismo de outras atividades é o desempenho da tarefa informativa e orientativa”. (1993, p.20)

Para tal, existem diversas maneiras de tornar efetiva a prática do noticioso através de alguns gêneros pré-estabelecidos, a exemplo do jornalismo informativo e/ou interpretativo. No primeiro, o “papel é informar e orientar de maneira rápida, precisa, exata, objetiva” (LIMA, 1993, p.24). Ainda segundo o autor, “essa prática é (...) criticada como superficial, incompleta”. As críticas mostram uma necessidade crescente do leitor de acompanhar fatos com mais detalhes e informações. Assim, surge a categoria interpretativa, onde a maior preocupação é esclarecer ao leitor “as causas e origens dos fenômenos que presencia e (...) fundamentar sua leitura da realidade na elucidação dos aspectos que em princípio não estão muito claros”. (LIMA, 1993, p.25)

Olhares sensíveis às histórias que compõem o cotidiano, os bastidores de grandes acontecimentos e olhares e gestos que falam mais que palavras também chamam atenção. O Jornalismo Literário surge com a proposta de

potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lead (...) e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos (PENA, 2008, p. 13).

É um conceito que oferece, ao profissional, liberdade de ação e pensamento, levando-o a buscar informar sobre o que é de seu interesse e, principalmente, buscar assuntos que, de repente, não o interessem, mas que sejam interessantes para aprender e

propagar conhecimento. O jornalista tem como instrumento de trabalho a palavra. Tal qual ferramentas importantes para o desempenho de uma tarefa, a do profissional da comunicação deve ter sempre o cuidado de ser bem empregada. Na Literatura, ela também serve para delinear histórias e fatos. Levando em consideração essas duas vertentes, Adriano Piekas sugere refletirmos sobre a linha tênue que existe entre o que é real e o que é imaginado, através do artigo *Imaginário x realidade: a representação ficcional* (2007)², publicado no portal Observatório da Imprensa.

Ele observa ser uma prática frequente aceitar de prontidão um romance baseado em fatos reais, onde o autor literário busca em lugares, histórias e pessoas reais a inspiração para seus textos, levemente (ou fortemente) embasados na ficção. Já o contrário é incomum, tendo em vista que o jornalismo transmite fatos que realmente aconteceram, tomando como base (leia-se fontes) testemunhas das histórias e do contexto em que determinado acontecimento se desenrolou. “Porém, até que ponto a construção jornalística, ou a representação jornalística, não possui sua pitada de imaginação?” (PIEKAS, 2007)

Como reforça Mark Kramer, em *Regras Rompíveis do Jornalismo Literário*³ (1995), alguns escritores de décadas atrás, comumente ligados ao Jornalismo Literário, “cometeram atos que (...) seriam considerados pecaminosos: compunham e improvisavam cenas, fundiam personagens, enfeitavam citações e (...) alteravam a natureza de suas produções”. Em outras palavras, fere os princípios da profissão. Sérgio Rodrigues, jornalista que assina a coluna *Todo Prosa*⁴, do site da Veja traz um exemplo de como essa prática pode acontecer. Ele nos conta a história de um repórter italiano, Tommaso Debenedetti, que adquiriu o costume de realizar entrevistas fictícias com ficcionistas americanos. O resultado dos diálogos era vendido como se fosse verdadeiro e publicado nos jornais em que ele colaborava. Quem descobriu a farsa, primeiramente, foi o romancista norte-americano Philip Roth, que apareceu “descendo a lenha no presidente Barack Obama (que na verdade apóia)” (2010). A atitude de Tommaso é

² Acesso através do link <http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/imaginario-x-realidade-a-representacao-ficcional>.

³ Texto disponível no portal Texto Vivo. Acesso através do link <http://www.textovivo.com.br/seminario/nota07.htm>

⁴ Acesso através do link <http://veja.abril.com.br/blog/todoprosa/sem-categoria/jornalismo-ficcional/>.

polêmica e não vai de encontro ao que propõe o exercício do jornalismo que, por sua vez, está associado, entre muitos outros ofícios, à propagação da informação.

Quando se une literatura e jornalismo, o repórter tem a chance de trabalhar uma história com algo mais do que a típica objetividade. Felipe Pena desenvolve a teoria da estrela de sete pontas⁵ para tentar definir o que pode, o que não pode, o que deve e o que não deve ser feito pelo profissional que busca o exercício dessa proposta diferente. Para Pena, a aplicação do jornalismo literário não dispensa as técnicas narrativas e os recursos aprendidos no exercício do jornalismo diário, pelo contrário, todas essas técnicas são fundamentais. É preciso potencializar tudo o que já é aplicado no texto e acrescentar, a isso, o rompimento com a periodicidade, a atualidade e a prática do *lead*⁶, significando, assim, ser preciso deixar para trás a pressão dos horários a cumprir, prazos para seguir e não mais ter objetividade como palavra chave. O jornalismo literário visa “proporcionar uma visão ampla da realidade, [...] exercitar a cidadania”. (PENA, 2008, p.14)

O autor discute, também, a necessidade de buscar outras maneiras de apuração de uma determinada história. É preciso fugir das fontes comuns, dos entrevistados de praxe, das pessoas que dizem sempre a mesma coisa e já são figurinhas batidas na mídia por conta de suas especialidades. Em uma história bem apurada, deve haver a consulta ao incomum, ao cidadão que precisa dar seu testemunho, à denúncia anônima, ao trabalho realizado nos bastidores do cotidiano. Acima de qualquer coisa, um bom jornalista literário deve ter sensibilidade. Não só para construir sua história, como também para que ela não se torne uma obra superficial, afinal, “o objetivo aqui é a permanência. [...] Para isso, é preciso fazer uma construção sistêmica do enredo, levando em conta que a realidade é multifacetada, fruto de infinitas relações”. (PENA, 2008, p.15)

⁵ O autor propõe sete princípios básicos para um bom Jornalismo Literário. São eles, potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano, proporcionar uma visão ampla da realidade, exercitar a cidadania, romper as correntes do *lead*, evitar os definidores primários (entrevistados de plantão) e, por fim, fincar-se na perenidade.

⁶ Espécie de fórmula jornalística que determina que o repórter deve fornecer respostas às principais perguntas (O quê? Quando? Como? Onde? Por quê?) ainda no primeiro parágrafo da matéria.

4. O *New Journalism* e a polêmica da ficção

Para entender o movimento *New Journalism*, é preciso buscar artefatos históricos que possam servir de base para compreender a sua presença. Ligia Coeli, no trabalho que desenvolveu para conclusão do curso de Comunicação Social na Universidade Estadual da Paraíba, *Jornalismo Gonzo: Traçando linhas de fuga para o estudo de um gênero invisível* (2009), busca uma fundamentação nas raízes do movimento: a revista *The New Yorker*. A autora define o periódico como uma espécie de índice enciclopédico onde está disposto um roteiro dos principais nomes de escritores-jornalistas da época, além de curiosas maneiras de se manter a qualidade, “desde as excentricidades dos editores em busca de um texto limpo à quantidade de páginas dedicadas a uma única reportagem” (2009, p.29). Fundada em fevereiro de 1925, era “uma revista diferente e inovadora” que manteve-se,

durante 62 anos, sem o hábito essencial de qualquer veículo de comunicação – o de pautar os repórteres. Esse desafio foi o que a manteve distante das informações macilentas e já gastas, exigindo dos repórteres esforços pessoais e o mínimo de criatividade para tentar irromper na mídia com assuntos achados à própria sorte ou escavados com as próprias mãos, que fossem capazes de despertar o interesse dos leitores e, assim como os grandes romances da época, comover. (COELI, 2009, p.29)

André Felipe Pontes Czarnobai, em seu trabalho *Gonzo – O Filho Bastardo do New Journalism* (2003), volta à década de 1960, para onde este movimento começa a se articular e ganhar força, uma atitude que “nasce para, de certa forma, satisfazer uma necessidade que muitos jornalistas possuem: o sonho de escrever um grande romance” (2003, p. 2). Citando Tom Wolfe (1976, p.16), o autor compartilha “uma espécie de hierarquia da literatura, na qual o status de romancista era o ponto mais alto a ser buscado. Em contrapartida, o jornalista desempenhava o papel mais baixo na escala de valores literários”. Na época, as redações abrigavam dois tipos de jornalistas, onde o primeiro preocupava-se com as notícias e o outro grupo ficou conhecido como “especialistas em reportagem”.

O que lhes conferia um traço em comum era o fato de todos considerarem o jornal como um motel onde se passa a noite em sua jornada a caminho do triunfo final. O objetivo era conseguir emprego em um jornal, permanecer íntegro, pagar o aluguel, conhecer "o mundo", acumular "experiência", talvez polir alguma imperfeição do seu estilo... logo, em um momento, deixar o emprego sem vacilar, dizer adeus ao jornalismo, mudar-se para uma casinha em qualquer lugar, trabalhar dia e noite durante seis meses e iluminar o céu

com o triunfo final. O triunfo final só poderia se chamar *O Romance* (Wolfe *apud* Czarnobai, 2003).

A reportagem costumava dar conta de histórias de interesse humano, versando sobre acontecimentos trágicos ou cômicos de pessoas comuns, possibilitando, inclusive, mais liberdade para quem os escrevia. No entanto, por mais parecidas que fossem com narrativas realistas de ficção, eram textos em que não havia absolutamente nada fictício. Por mais esforços, físicos e psicológicos, que os repórteres praticassem para disponibilizar um material diferenciado, o reconhecimento não vinha fácil e, comumente, os profissionais sentiam-se frustrados e fugindo da oportunidade de escrever seu tão sonhado romance (Czarnobai, 2003, p.2).

Nesse contexto, surge o *New Journalism*, ou Novo Jornalismo, onde reside a iniciativa de praticar o jornalismo de uma maneira tão próxima que quase poderia se tornar um romance. E isso, na prática, acontece ao narrar um fato sem se preocupar apenas com o essencial, mas, da mesma forma, ter o cuidado de descrever cenas, expressões e comportamentos, a fim de que o leitor possa mergulhar na história e senti-la a ponto de concluir a leitura com a certeza de estar bem informado e, ao mesmo tempo, com as imagens e cenários claros na cabeça. Mesmo um artigo jornalístico poderia valer-se de qualquer recurso literário para cativar o leitor tanto pelos argumentos quanto pelo lado emocional (Czarnobai, p.3). Na prática, os profissionais procuraram fugir da neutralidade do jornalismo e aplicar caracterizações de personagens, tratar o narrador de forma distinta e dinâmica e buscar novos pontos de vista e citações literais.

Gay Talese⁷, no prefácio do livro *Fama & Anonimato* (2004), esclarece que a maioria dos textos ali publicados pode enquadrar-se “num tipo de reportagem que se costuma classificar de “novo jornalismo”, “nova não-ficção” ou “parajornalismo” e cita a constante desconfiança que havia em relação ao gênero, pois muitos críticos achavam “que seus autores deturpavam os fatos para conseguir um maior efeito dramático” (TALESE, 2004, p.9). Segundo o autor, o novo jornalismo não é ficção e classifica-se

⁷ Gay Talese nasceu em 1932 e é um dos grandes nomes do *New Journalism*. Entre suas publicações, estão os livros *Fama & Anonimato*, com crônicas e histórias sobre a cidade de Nova Iorque; *O reino e o Poder*, que conta a história do jornal *The New York Times*; *Honrados mafiosos*, sobre uma família de imigrantes italianos e *A mulher do próximo*, sobre a moral sexual americana em meados do século XX.

como um gênero que exige uma abordagem mais imaginativa, que não necessariamente significa fictícia. Cláudia Lemos, falando sobre jornalismo e ficção, afirma que contar histórias é inerente a qualquer jornalista, no entanto, contar casos pede um pouco mais de atenção:

Ao transformar um acontecimento em história, a narrativa opera uma diferenciação daquele fato no contínuo do tempo e atribui a ele um significado. Isso quer dizer que contar histórias é organizar a experiência, localizando ocorrências naturais e ações humanas na compreensão de mundo de indivíduos e sociedades, papel desempenhado tanto pela ficção quanto pelas narrativas não ficcionais (LEMOS, 1998, p.69).

5. Uma pitada de ficção às grandes histórias

Lançada em 2006, a revista *Piauí* já nasceu com uma proposta ousada. Sylvia Colombo, da Folha de São Paulo⁸, definiria a publicação como híbrida e carregada de reportagens inspiradas no *New Journalism*, “com crônicas, perfis e diários – de temas preferencialmente nacionais –; além de textos ficcionais” (2006). Em entrevista concedida a Julio Daio Borges, do site Digestivo Cultural⁹, o criador e editor da *Piauí*, João Moreira Salles, afirma que a proposta apresentada pela revista é, mesmo, um marco no jornalismo brasileiro. “Não há nada muito parecido com a *Piauí* nem aqui, nem fora”, disse Salles, ao discorrer sobre como a revista é feita e o que ela pede aos seus colaboradores. “O bom texto nada mais é do que uma história bem contada. E histórias bem contadas nunca saem de moda. A *Piauí* busca isso.

“Temas interessantes contados com verve, drama, tensão narrativa”, complementa. Borges questiona o uso da ficção, traçando um paralelo entre documentários, literatura e jornalismo, através da pergunta: “Do mesmo jeito que o documentário vem sutilmente ocupando o lugar do cinema de ficção, acha que continuará a tendência do jornalismo ir ocupando, também no século XXI, muito do espaço dedicado anteriormente à literatura de ficção?”. Salles faz alusão a Tom Wolfe,

⁸ A notícia foi publicada no portal da Folha, em 09/10/2006, assinada por Sylvia Colombo, com o título de “Jornalismo literário e ficção marcam estréia da revista “Piauí””. Link: <http://www1.folha.uol.com.br/foha/ilustrada/ult90u64970.shtml>

⁹ O Digestivo Cultural é um site que prefere não se encaixar no gênero portais ou blogs. Trabalha com Cultura e pratica o Jornalismo Cultural. Faz entrevistas periódicas com grandes nomes do jornalismo cultural. O diálogo com João Moreira Salles pode ser acessado através do link http://www.digestivocultural.com/entrevistas/entrevista.asp?codigo=8&titulo=Joao_Moreira_Salles.

que já disse ser a não-ficção mais atraente do que a ficção nos dias de hoje, e completa: “A afirmação é tão bombástica quanto seu autor. Um exagero. (...) o texto de não-ficção não precisa se sentir inferiorizado em relação à literatura tradicional, assim como o documentário não precisa ter vergonha de não ser longa de ficção”.

Quanto à prática do Jornalismo Literário, aconselha-se fazer uma imersão na história e aproximar-se ao máximo dos personagens. O escritor Henry James lançou, em 1908, o conceito *felt life*. Segundo ele, era esse o segredo de um bom romance, de uma boa história. Traduzindo para o português, o significado seria “sentir a vida” e, como propõe o título da teoria, a melhor forma de entender uma boa história, é fazendo parte dela, sentindo-a. Em entrevista concedida à Franciele Orsatto – Mestranda em Letras (Unioeste) – em 2009, João Moreira Salles garantiu que para estar na *Piauí* “é preciso sair, ver, apurar, voltar e escrever. Nunca publicamos uma matéria sobre o Iraque de alguém que a escreveu sem pôr os pés no país”. Um exemplo claro da necessidade da vivência e do contato com aquilo sobre o que se escreve.

A proposta principal do *felt life* é levar em consideração os principais aspectos de uma história, analisando-a de todas as formas e através de diversos pontos de vista. “Não existe verdade mais nutritiva e sugestiva do que essa conexão de perfeita dependência do senso moral de um trabalho artístico baseado no “sentir a vida”” (JAMES, 1908). No Novo Jornalismo, que já colocava em primeiro plano “uma atitude diferente: o mergulho de corpo e mente na realidade que se desejava mediar” (FONTANA, p. 4), há a presença desse conceito. A partir dessa priorização e dos resultados dela, a exemplo da obra *A Sangue Frio*, escrita por Truman Capote e lançada em 1966 – tratando do assassinato de uma família em uma cidade do interior do estado do Texas, nos Estados Unidos – com abordagem incontestavelmente semelhante aos romances, surgiu o termo “romance de não-ficção”, denominado pelo próprio Capote. Eduardo Belo, em seu livro *Livro-Reportagem* (2006, p.43), afirma que Capote, ao criar esse novo “gênero” atentou para o fato de que “nem toda não-ficção é jornalismo, mas todo o jornalismo tem de ser, por princípio, não-ficcional”. Nesse âmbito,

a narrativa jornalística parece compartilhar alguma especificidade com a narrativa histórica. Por mais que estejam comprometidas com a fidelidade à realidade concreta, as duas são interpretativas e nenhuma delas é passível de controles experimentais; ambas são suscetíveis à revisão, com o ingresso de novas informações, novas testemunhas. O que significa que, por esse aspecto, as narrativas históricas e as jornalísticas permanecem bem mais próximas da literatura do que da ciência (VOGEL, 2005, p.4).

De qualquer forma, o relato ficcional está implícito não só em grandes histórias, como, também, nas construções textuais cotidianas. Hoje, a *Piauí* comanda o blog de notícias *The i-Piauí Herald*¹⁰ que produz um jornalismo com muito mais que simples pitadas de ficção. As notícias possuem um embasamento real, tendo em vista que são escolhidas de acordo com o que está na mídia, ou seja, fatos que realmente aconteceram. No entanto, a construção do texto que se observa no *Herald* possui elementos fictícios de forma nem um pouco discreta. É possível enxergarmos como eles fazem esse apanhado através da notícia “Inspirado por Palocci, Ronaldo não deixará a Seleção”, publicada no dia 07 de junho de 2011, no contexto de despedida do jogador de futebol Ronaldo dos gramados e da Seleção Brasileira. Ela começa verídica. “O ex-jogador Ronaldo concedeu hoje dezesseis entrevistas coletivas para se despedir de cada um de seus patrocinadores”. Logo após, já mostra elementos que não correspondem à realidade.

Enquanto saboreava um toucinho, o craque declarou: "Olho para a cabine de imprensa e vejo o Galvão Bueno, aos 92 anos, sendo alimentado a papinha e leite morno pela Globo. Olho para a CBF e vejo o Ricardo Teixeira agarrado ao osso. E principalmente, olho para Brasília e fico comovido com o apego de Palocci ao serviço público. Não há quebra de sigilo, enriquecimento vertiginoso ou apartamento de laranja que o faça desistir de prestar serviços ao povo brasileiro. Foi baseado neste exemplo de abnegação que decidi também permanecer na Seleção" (2011)

E, como exemplo desse mesmo tipo de abordagem, agora na edição impressa da própria revista *Piauí*, trazemos a reportagem *Palhaço Municipal*, publicada na edição 48¹¹, de setembro de 2010. Nela, o repórter Luciano Domingues Dutra trata da eleição para prefeito de um cidadão, no mínimo, irreverente, na cidade de Reykjavík, na Islândia. “Ao justificar a decisão de se lançar candidato às eleições parlamentares, (*ele, Jón Gnarr – o candidato*) explicou que estava cansado das dificuldades da vida de autônomo e “precisava garantir um salário fixo para cuidar dos meus assuntos” (DUTRA, 2010). O personagem estaria concorrendo ao segundo cargo mais importante da hierarquia política do país. A narrativa chama atenção:

Gnarr resumiu assim a plataforma política de seu partido: “A verdade é que não temos nenhuma plataforma partidária, mas fingimos ter uma.” O Melhor Partido tem a grande vantagem de poder fazer muito mais promessas do que

¹⁰ Disponível através do link <http://revistapiaui.com/blogs/herald>

¹¹ Acesso pelo link <http://revistapiaui.com/edicao-48>

seus concorrentes políticos pelo fato de não ter, assumidamente, a menor intenção de cumprir qualquer uma delas. (...) No seu discurso de vitória, Gnarr tranquilizou a população: “Ninguém deve ficar assustado com o Melhor Partido”, assegurou, “porque ele é o melhor partido. Se não fosse, seria chamado de Pior Partido, ou Partido Ruim. “Nós nunca trabalharíamos para um partido assim”. Aduziu, a título de argumento definitivo: “E pior não fica.”” (DUTRA, 2010)

Disse Salles a respeito do que entra na *Piauí*: “Vale tudo, contanto que seja bom e interessante” (2006).

No âmbito das produções jornalísticas cotidianas, podemos utilizar a reflexão proposta por Piekas, onde imaginamos o contexto de uma redação e um repórter que, de repente, se torna responsável pela apuração de um assalto a banco que ocorreu há pouco. Ao sair da redação e chegar à cena do crime, busca conversar com policiais, testemunhas e curiosos, a fim de tentar entender o que aconteceu. Os relatos que apura são variados e ele mantém na cabeça a certeza de que precisa oferecer uma matéria imparcial. Na hora de redigir a matéria, ele conta como tudo aconteceu e dá o trabalho por encerrado. Será? Esse relato não possui um apanhado ficcional? “Mesmo tendo ouvido diversos relatos (...) e narrado os fatos da maneira mais fiel e imparcial possível, o jornalista teve que usar uma parcela de ficção/imaginação para remontar o momento do ocorrido, os fatos de maiores destaques” (PIEKAS, 2007). Mas a ação fictícia não aparece apenas quando o trabalho termina. Ainda de acordo com o autor, “desde a coleta de informações começa a se construir um mundo imaginário que parte de uma história real e sua representação”. Com essa proposta, Vogel diz que

se se aceita a idéia de que todo discurso é propenso a escapar dos dados concretos da realidade, pois ele se volta para as estruturas de consciência de que dispomos para tentar dar conta desses dados, e que desse modo a interpretação se organiza sobre o desvio, definem-se alguns pontos de referência para pensar os relatos: para começar, o desafio de aceitar os discursos jornalísticos em sua materialidade própria, saber que não refletem o real, mas, sim, têm efeito de real, e que qualquer tipo de ordenação do discurso é uma operação lingüística, significativa de uma dada visão do mundo. A relação da consciência com o mundo permanece, nesse caso, cognoscível apenas como interpretação, o que exige uma atitude política reflexiva por parte de quem a descreve (VOGEL, 2005, p.5).

A reflexão da autora acerca da presença dos elementos ficcionais nas produções jornalísticas de cunho literário nos remete às estratégias narrativas que Mônica Fontana aponta sobre a estética jornalística: “a construção e o entrelaçamento de artifícios complexos, que concorrem para o efeito de real que se deseja obter”. (p.4) Dentro de toda a argumentação utilizada por um jornalista para submeter o melhor discurso,

surgem os artificios da prosa de ficção, tais como “predição, pressentimento, obsessão, recordação, *flashback*, motivações psicológicas, extensas descrições e reprodução detalhada de diálogos”. (FONTANA, p. 4)

Truman Capote, mesmo com toda a pompa não-ficcional que sempre fez questão de exhibir, pegou emprestados todos esses elementos para a construção de *A Sangue Frio* e, conforme pesquisas feitas posteriormente pela equipe da *The New Yorker*, se constatou que nem tudo o que havia no livro era 100% verdadeiro. “Capote foi acusado de distorcer e inventar diálogos, induzir declarações e até de ter mantido um relacionamento afetivo com um dos personagens da história”. (BELO, 2006, p.43-44) Em sua defesa, Capote afirmou que sempre teve uma ótima memória e que fazia testes com frequência – para garantir a eficiência, chegando a constatar, inclusive, que teria uma memória capaz de absorver 93% de tudo o que seus entrevistados diziam e faziam. Não existem provas que garantam a veracidade do que afirmou.

É ambígua e curiosa essa relação que se estabelece entre ficção e realidade na prática jornalística. Piekas ressalta, citando Nanami Sato:

“Apesar da vocação para o ‘real’, o relato jornalístico sempre tem contornos ficcionais: ao causar a impressão de que o acontecimento está se desenvolvendo no momento da leitura, valoriza-se o instante em que se vive, criando a aparência do acontecer em curso, isto é, uma ficção” (Sato *apud* Piekas, 2007).

E, através da observação dos teóricos, entende-se que a ficção é inerente e, muitas vezes, inocente, pois está presente desde o momento da apuração e se estende durante o processo de criação do texto, quando o repórter precisa montar, em sua cabeça, os fatos e as descrições obtidos anteriormente. Essa dualidade confirma a presença da ficção como elemento discursivo, que pode apresentar-se de forma consciente ou inconsciente pelo repórter. A pitada exata de ficção existente em um texto só pode ser confirmada pelo autor de tal construção, no entanto, vale ressaltar que o princípio ético deve ser o norte da produção jornalística e nenhuma ficção deve ser tão forte a ponto de construir diálogos e falas que de forma alguma existiram, bem como acontecimentos imaginários, pois, nesse momento, a ficção não deve ser encarada como não-realidade absoluta, e sim como artifício para a construção de um texto mais prazeroso e atraente.

6. Considerações finais

A dinâmica das redações, a aplicação do jornalismo objetivo e direto, a veiculação de notícias e a falta de tempo para refletir sobre o que se escreve são algumas situações que podem levar jornalistas a desiludirem-se com a profissão. No entanto, muitos deles enxergam no jornalismo literário uma fuga, pois o gênero oferece maior tempo de apuração, oportunidade de convívio com os personagens, chance de reflexão sobre o tema e liberdade nos recursos estilísticos da construção do texto. Diante da oportunidade de trabalhar com liberdade em cima de um tema que o agrada, o jornalista encontra-se, então, prestes a realizar uma produção que deverá contribuir positivamente para a sociedade, afinal, esse aspecto é um dos nortes do jornalismo literário.

Na construção do texto, surgem as técnicas narrativas e o fantasma da não-ficção, propagada e reafirmada pelo Novo Jornalismo. Nesse ponto, o repórter começa a preocupar-se em absorver todos os detalhes das cenas e das falas dos personagens, para que, ao transmiti-las ao texto, a situação não seja distorcida e nem deixe de refletir uma verdade absoluta. No entanto, conforme discutimos nesse trabalho, elementos fictícios estão implícitos em muitas narrativas jornalísticas, pois a partir do momento que o jornalista precisa do relato de outros para construir sua própria imaginação dos fatos, essa construção se dá a partir de bases frágeis e incertas. Isso pode ser confirmado ao ouvir relatos de duas ou mais testemunhas de um mesmo fato, onde elas podem fornecer visões, e cronologias, inclusive, distintas.

Assim, como saber quem está repassando o fato como ele realmente aconteceu? O imaginário é forte e intrínseco, está presente nos personagens e no repórter e estabelecer uma linha que separe real e imaginado é muito complicado. Por esse motivo, a união do jornalismo – onde o propósito está em veicular informações e acontecimentos comprometidos com a verdade – com a literatura – que se utiliza de elementos ficcionais para construção de suas narrativas – é e sempre foi tão polêmica. Não deixará de ser, assim acreditamos, mas deve ser claro para quem pratica o jornalismo literário que o uso da ficção não deve converter a obra em um festival de invenções, mas, pode ser utilizado para que o objetivo principal seja alcançado com êxito, e este seria o de transmitir o acontecimento sem distorcê-lo e sem ferir a mensagem principal que deve passar.

Referências

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

BORGES, Julio Daio. **João Moreira Salles**. Disponível em < [http://www.digestivocultural.com/entrevistas/entrevista.asp?codigo=8&titulo=Joao Moreira Salles](http://www.digestivocultural.com/entrevistas/entrevista.asp?codigo=8&titulo=Joao_Moreira_Salles)>. Acesso em 14/06/2011.

CARRÉRA, Guilherme.; MOURA, Luís Fernando. **Os cavaleiros possíveis**. Revista Aurora, Diário de Pernambuco. Recife – PE, 2011. P. 08-11.

COELI, Ligia. **JORNALISMO GONZO: Traçando linhas de fuga para o estudo de um gênero invisível**. Campina Grande – PB, UEPB, 2009.

COLOMBO, Sylvia. **Jornalismo e ficção marcam estréia da revista “Piauí”**. Disponível em < <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u64970.shtml>>. Acesso em 14/06/2011

CZARNOBAI, André Felipe Pontes. **Gonzo – O Filho Bastardo do New Journalism**. Disponível em < <http://www.qualquer.org/gonzo/monogonzo/>>. Acesso em 04/06/2011.

DUTRA, Luciano Domingues. **Palhaço Municipal**. Disponível em < <http://revistapiaui.com/edicao-48/chegada/palhaco-municipal>>. Acesso em 14/06/2011.

FONTANA, Monica. **Os limites entre fato e ficção: Jornalismo Literário em perspectiva**. PPGL, UFPE. Recife – PE.

Inspirado por Palocci, Ronaldo não deixará a Seleção. Disponível em < <http://revistapiaui.com/blogs/herald/esporte/inspirado-por-palocci-ronaldo-nao-deixara-a-selecao>>. Acesso em 14/06/2011.

JAMES, Henry. **The Portrait of a Lady – Preface to volume 3 of the New York edition**. Disponível em <<http://www.henryjames.org.uk/prefaces/text03.htm>>. Acesso em 27/05/2011.

KRAMER, Mark. **Regras rompíveis do jornalismo literário**. Disponível em <<http://www.textovivo.com.br/seminario/nota07.htm>>. Acesso em 24/05/2011.

LEMOS, Claudia. **Jornalismo e Ficção**. Belo Horizonte. Vol.2, p. 69-78, dez/1998.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: O Diálogo Possível**. 5.ed. São Paulo: Ática, 2008.

ORSATTO, Franciele. **Relações entre a revista *Piauí* e o jornalismo literário: uma reflexão.** Disponível em

<<http://www.unisinos.br/diversos/revistas/versoereverso/index.php?e=18&s=9&a=145>

>. Acesso em 14/06/2011.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário.** 1.ed. São Paulo: Contexto, 2008.

PIEKAS, Adriano. **Imaginário x realidade: a representação ficcional.** Disponível em

<<http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/imaginario-x-realidade-a-representacao-ficcional>>. Acesso em 13/06/2011.

RODRIGUES, Sérgio. **Jornalismo Ficcional.** Disponível em

<<http://veja.abril.com.br/blog/todoprosa/sem-categoria/jornalismo-ficcional/>>. Acesso

em 13/06/2011.

TALESE, Gay. **Fama & Anonimato.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

VOGEL, Daisi. **A ficção do relato jornalístico.** Caligrama, vol. 1, n. 3. São Paulo, USP, set.-dez. 2005.

Anexos



Figura 2 – Capa e contracapa da revista Aurora. Nessa edição, a editoria propôs a troca de lugar entre anônimos e famosos. Cada capa possui uma personalidade pública e um personagem da matéria.



Figura 3 – Capa 2



Figura 4 – Capa 3



Figura 5 – Capa 4

os cavaleiros existentes

Na fábula de Italo Calvino, uma armadura vazia esconde o protagonista invisível. Na servidão contemporânea, o fardamento camufla a identidade de nossos heróis cotidianos

“tem gente que cospe quando passa pela gente”

No caso de José Rogaciano, mais de 40 mil olhares são desperdiçados por dia na Avenida Conde da Boa Vista. Na esquina com a Rua José de Alencar, onde a calçada hospeda a gigante loja Riachuelo e alguns fiteiros empilhados, ele estaciona com colegas para o lanche da tarde. “Às vezes, a gente ganha bolo, refrigerante”, conta. Antes do descanso, porém, faz pausa para falar com Aurora e afina o discurso com o colega Adriano Matias da Silva: “A gente tem dois benefícios. O primeiro é estar no trabalho, e não desempregado. O segundo é trabalhar todo dia pela própria cida-

de”. Repetir a trajetória diariamente é conhecer os ambientes de cor, entender o percurso das horas no centrão e, quem sabe, até fazer amigos. A maior dificuldade é o preconceito.

“Em tudo a gente é discriminado”, diz Rogaciano. É evento corriqueiro os passantes jogarem todo tipo de lixo ao lado dos funcionários. Mas esse é o exemplo mais brando. “Já me disseram: ‘Se eu não jogar no chão, você não tem trabalho’”, lembra Adriano. E daí pra pior: “Tem gente que cospe quando passa pela gente”, continua Rogaciano. “Ontem mesmo, uma mulher desviou de

mim na Avenida Dantas Barreto e colocou a mão no nariz. Como se eu estivesse fedendo”. Reclamação? “Se for fazer, a gente vai terminar brigando com a maioria”, diz, enquanto um transeunte joga uma bola de papel no lixo que ele carrega - e erra o alvo.

Os causos que atravessam o cotidiano de gente como Rogaciano e Adriano viraram parábola televisiva nos últimos anos. A história do psicólogo e professor universitário Fernando Braga da Costa promoveu a vida dos garis a espetáculo com happy ending quando a imprensa descobriu que o pesquisa-

dor, homem gabaritado da classe média paulista, vinha se vestindo com seus uniformes, a título de pesquisa, e enfrentando a rotina da profissão pelas vias paulistanas. O caso saiu no *Fantástico*, da Rede Globo, e foi publicada no livro *Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social* (Editora Globo), no qual Fernando detalha e analisa a experiência de, por quase 10 anos, atuar com a limpeza da cidade, o que lhe empossou de um novo olhar político perante a sociedade. Você passa a se relacionar com pessoas e não com sujeitos profissionais”.

personificar dá medo

O que pode soar radical ganha ecos no que outros profissionais de limpeza pública, não muito longe da movimentada Boa Vista, confessam à reportagem. Na Estação Recife, que faz do bairro de São José ponto central de convergência das três linhas de metrô da Região Metropolitana, o funcionário Verlânio Neves da Conceição, de vassoura em punho, reclama que “tem muito lixo”, enquanto varre, sem cessar, o imen-

so salão de acesso aos trens, cortado por passageiros apressados. São 15 minutos de silêncio e labor, até que o rapaz retorna e desabafa: “Quer saber mesmo? Se não tivesse lixo no chão, cortavam o quadro de funcionários pela metade. E a gente, como ficaria?”

Andeval Luiz, que, aos 32 anos, é estrela da estação - garantem os colegas -, diz que “isso não é serviço para ninguém”. Prefere que, se for para jogar o

lixo no chão, façam a sujeira na sua frente. “Assim eu estou vendo, é menos desrespeitoso. No começo você quer é brigar, mas depois vai entendendo que é assim mesmo que funciona, e não vai mudar”. Carpinteiro desistente, cultiva o sonho de partir dali pela rodovia, como motorista. “Mas, por enquanto, vou de trem. Só conheço o nome de três ruas da cidade”.

Quem faz a limpeza do metrô per-

nambucano se alterna para deixar as estações impecáveis, por isso o trabalho não cessa e as jornadas são cruzadas. Os empregados cumprem expediente de oito horas e folgam um dia a cada cinco, além de um domingo por mês. Ganham um salário mínimo e, por vezes, acumulam empregos de ambulante ou zelador, como Severino Lopes dos Santos, que espera semanas para tirar uma folga simultânea dos dois lo-